

NA OPINIÃO DE ESPECIALISTAS

TENDÊNCIAS

NO ENSINO SUPERIOR

— — — — — PARA 2023



PARCERIA:

SEMESP 

STHEM BRASIL
CONSORCIO DE IES BRASILEIRAS E LASPAAU

revista
**ensino
superior**

NA OPINIÃO DE ESPECIALISTAS

TENDÊNCIAS

NO ENSINO SUPERIOR

— — — — — — — — — — PARA 2023

Em momentos de “virada do ano” sempre projetamos o que está por vir. É provável que muitos gestores fizeram, estão fazendo ou ainda vão fazer um exercício para projetar 2023. O ano que se iniciou tem um novo time no MEC e o que isso pode significar?

Conseguimos superar a fase mais dura da pandemia, estamos investindo na transformação digital e repensando os modelos acadêmicos. Passamos a focar na melhoria da aprendizagem dos estudantes, buscamos mais engajamento social, cooperação com o setor produtivo e investimos na superação dos problemas de saúde mental, ampliamos as matrículas no EAD, avançamos na compreensão e uso do ensino híbrido e mantivemos a concentração das matrículas em grandes IES. Há um cenário desafiador no ensino superior.

Para colaborar com todas as pessoas que querem entender o que irá acontecer em 2023, reunimos 20 especialistas em ensino superior, com diferentes perfis e olhares. O desafio de cada um foi escrever 5 tendências para 2023. Há diversidade e convergências. É um rico painel de previsões.

Leitor, cada convidado fez um exercício de previsão sobre o futuro próximo. Se você é líder de uma IES, compartilhe o documento com seus colegas e faça o exercício de desenhar as tendências do ano. Não se deixe levar pela dinâmica do tempo

e não seja surpreendido. Construa, você, os próximos passos e o futuro de sua IES.

Foram convidados especialistas internacionais, como **Dale Johnson** da Arizona State University, **Joaquin Guerra** da Tec. de Monterrey e **Fernando Valenzuela**, da Global Edtech. Há reitores como **Beatriz Balena** (UVA), **Arapuan Neto** (UNISUAM), **Janes Tolemin** (UNIASSELVI) e Pró-Reitores como **Cintia Boll** (UFGRS), **Carla Leite** (FAESA) e **Wagner Sanches** (FIAP). Temos o **Marcelo Knobel** (UNICAMP) e **João Otávio** (UNIFEQB), até pouco tempo reitores. Há colegas que são ou foram gestores e são especialistas em ensino superior, como **Maurício Garcia** (INTELI), **Marina Feferbaum** (FGV), **Ana Valéria S. A. Reis** (Consultora Educacional), **Gustavo Hoffmann** (Grupo A) e **João Vianney** (HOPER). **Lúcia Teixeira** (Semesp e Unisanta), **Rodrigo Capelato** (Semesp) e **Fábio Reis** (Semesp, STHM Brasil e MetaRed) também contribuíram com o documento. Poderíamos ter outros convidados. Há pessoas que estão pensando o ensino superior de forma inovadora e que merecem ser ouvidas. Quem sabe no próximo ano possamos ampliar a nossa publicação de previsões. Fizemos um primeiro exercício de reunir especialistas no tema.

A publicação é resultado de uma parceria entre Consórcio STHM Brasil, Semesp e Revista Ensino Superior.

ANA VALÉRIA S. A. REIS

Consultora na área de Educação, atuando na formação de professores, competência docente e suas dimensões, e realiza experiências práticas na área de metodologias ativas, aprendizagem ativa e avaliação processual. Membro do Grupo de ensino híbrido do Consórcio STHM Brasil.



Redes de cooperação mais sólidas - As redes de cooperação entre as IES, cada vez mais consistentes, favorecem o compartilhamento de interesses comuns, seja na gestão ou entre cursos afins ou ainda sobre temas contemporâneos e urgentes, com benefícios, resultados sólidos e custos positivos, como algumas redes já têm demonstrado.

Estudantes mais engajados com a gestão universitária - Os estudantes, cada vez mais críticos e certos da qualidade de ensino que merecem receber, deverão ter mais “voz” junto à gestão de suas IES. A conexão da IES com os ambientes externos de mercado, público ou privado, deve favorecer o diálogo sobre seus interesses e necessidades mútuas, cujo foco é o estudante que vai ocupar o espaço desses ambientes.

Ensino híbrido mais consistente - Com o investimento recorrente das IES na capacitação docente e nos recursos tecnológicos, a atuação do docente e do estudante nos ambientes de aprendizagem presencial e virtual ganha maturidade e deve compor o perfil das IES.

Modelos acadêmicos mais flexíveis - Currículos que oferecem uma trilha de aprendizagem flexível, intercursos e com microcertificações, além de possibilitar a formação do estudante em ambientes cooperados e parceiros das IES devem atrair estudantes que buscam a prática responsável e o conhecimento sólido para sua formação acadêmica/profissional.

Processos avaliativos voltados para o desenvolvimento de competências - Para um ensino eficaz com base no desenvolvimento de competências, a incorporação de processos avaliativos contínuos e formativos dará o tom da qualidade na formação do estudante. Avalia-se para a aprendizagem.

ARAPUAN NETO

Reitor do Centro Universitário Augusto Motta - Unisum, vice-presidente do Conselho de Educação na Associação Comercial do Rio de Janeiro - ACRJ. Atual presidente do Canal Universitário da Rio de Janeiro - UTV. Membro do Conselho de Administração do Consórcio STHM Brasil.



Gestão à vista -
As instituições devem ter seus principais indicadores em uma página. Sejam eles acadêmicos ou financeiros, isso vai agilizar e simplificar a tomada de decisão.

Maior investimento em estrutura física - Mais espaços de convivência para que o aluno possa vivenciar o campus, mesmo estudando on-line.

Formalização de conteúdos livres -
Vejo uma demanda e influencers criando MBA.

Consolidação de startups de educação - Startups comprando outras para ampliar serviços e reter clientes.

Será preciso reforçar o diálogo com os novos gestores do MEC - E a presença em Brasília, já que o novo governo tem perspectivas diferentes.

BEATRIZ BALENA

Reitora da Universidade Veiga de Almeida - UVA-RJ.



Intensificação do híbrido - Em todos os níveis (pensei isso antes da portaria da Capes que libera híbrido para pós stricto).

As IES terão que usar muita criatividade - E tecnologia destinados ao atendimento do estudante. Tanto para acompanhamento de performance quanto para atendimento a necessidades diferentes que irão se intensificar (depressão, desinteresse e desencanto da geração Y).

Foco em redução de custos - Já que não dá mais para reduzir mensalidades.

Fim da guerra de preços - Pois já atingiram o limite da insanidade.

EAD - Com mais interatividade e quem sabe com presencialidade em polos.

CARLA LETICIA ALVARENGA LEITE

Pró-reitora da FAESA – CENTRO UNIVERSITÁRIO.



Foco no sucesso do estudante -

É essencial que a IES conheça as expectativas e necessidades de seus alunos e acompanhe sua dinâmica ao longo do tempo. É preciso elaborar planos que o conduzam ao sucesso em cada etapa de sua jornada de formação, considerando suas experiências em sala de aula e toda a vivência na IES.

Integração academia e mercado -

É necessário estabelecer conexões e currículos que garantam a formação por competências e estimulem a inovação e o empreendedorismo a fim de preparar profissionais capazes de pensar e agir estrategicamente e de responder aos desafios reais do mercado e da sociedade.

Formação docente -

Precisamos de docentes que entendam as mudanças que vêm acontecendo e estejam dispostos a se prepararem para a educação transformadora e inovadora. É necessário investir em programas de formação e acompanhamento contínuo dos professores.

Responsabilidade social -

A IES deve garantir a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, focar na transformação das pessoas para promover o desenvolvimento social. É preciso colocar em prática a curricularização da extensão e criar vínculos com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Resultados -

O planejamento estratégico deve ser elaborado de forma que comprometa toda a equipe para que estabeleça e cumpra planos de ação a partir de indicadores e metas focados no equilíbrio acadêmico e financeiro que gere a sustentabilidade para o alcance dos resultados almejados.

CINTIA INÊS BOLL

Pró-reitora de graduação da UFRGS, Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, na linha de Pesquisa de Educação, Arte, Linguagem e Tecnologia.



Criação da Rede Nacional de Acompanhamento do Estudante do Ensino Superior - Em parceria com os estados para, desde o ensino médio, fazer convergir as melhores práticas de gestão pedagógica.

Fortalecimento da aprendizagem móvel - Para além dos muros escolares: valorização dos conhecimentos compartilhados nos mais diversos ambientes digitais vividos pelo graduando.

Reconhecimento da inteligência artificial - Como componente pedagógico necessário para o aprender em tempo de cultura digital e mídias móveis.

Potencialização dos processos educacionais híbridos - Vividos pelos graduandos na sua construção singular do conhecimento, em clara coexistência com os certos e errados típicos da formação, sendo contabilizados na carga horária dos cursos presenciais e a distância.

Valorização dos pedagogos.

DALE P. JOHNSON

Director of Digital Innovation, University Design Institute,
Arizona State University.



Modelo Híbrido -

A utilização do modelo híbrido para ensino aumentará porque os alunos estão exigindo experiências de aprendizagem mais envolventes e mais conexão entre o currículo e sua carreira.

Tecnologias Imersivas -

Melhorias na usabilidade e menor custo de tecnologias imersivas permitirão que mais instituições desenvolvam ou implementem produtos de realidade virtual e aumentada para melhorar a experiência de aprendizagem.

Análise Acionável -

Os dados não têm valor se você não fizer algo com eles. Este será um ano crítico para usar a crescente coleção de dados para transformar os processos acadêmicos e administrativos para permitir o sucesso do aluno.

Inteligência Artificial -

O lançamento do ChatGPT em novembro de 2022 representou uma nova era no uso de inteligência artificial. A tecnologia agora tem interfaces mais amigáveis, processos de desenvolvimento mais rápidos e algoritmos altamente eficazes para potencializar novas ferramentas para educação.

Preferência On-line -

Os alunos estão buscando mais conveniência e acessibilidade na educação e encontrando-a on-line. Por exemplo, 2023 é projetado para ser o primeiro ano em que a maioria dos alunos da Arizona State University se matriculem em programas de graduação on-line.

FÁBIO REIS

Presidente do Consórcio STHM Brasil, Diretor de Inovação e Redes de Cooperação do Semesp. Secretário Executivo da MetaRed Brasil. É responsável pelo site sobre tendências do ensino superior: www.fabiogarciareis.com.br



Haverá maior presença do MEC na dinâmica das instituições - Com políticas públicas que poderão impactar o EAD, o processo de avaliação e a regulação do sistema de ensino superior.

Haverá um aumento da percepção dos dirigentes de que é preciso participar ou intensificar a presença da IES, em redes de cooperação - Como forma de fomentar o aprendizado institucional, aumentar a eficiência e a eficácia, melhorar a qualidade e diminuir os custos.

O tema da transformação digital (TD) - Entrará de forma mais intensa na agenda de um número maior de gestores de IES. A TD será entendida como um instrumento de melhoria dos resultados das áreas acadêmicas e administrativas das IES.

Os gestores de IES estarão mais sensíveis - Para investirem em sua capacitação como líderes, com o objetivo de qualificarem o processo de decisão e de valorizarem os talentos, para tornar a instituição mais competitiva.

As IES que querem ser relevantes - E ter um diploma com valor vão construir ou reforçar o ecossistema inovação e qualificar ou redesenhar seus modelos acadêmicos, com foco na aprendizagem e no sucesso do estudante.

FERNANDO VALENZUELA MIGOYA

President Global Edtech Impact Alliance SA de CV.



Foco na colaboração -

Estou convencido de que a principal habilidade que devemos desenvolver se quisermos enfrentar os desafios que a humanidade ainda enfrenta é a colaboração, isso é particularmente uma força para nós, pois os relacionamentos distinguem a maior parte de nossa cultura. A colaboração é um aspecto crucial do sucesso no mundo complexo e interconectado de hoje. Requer a capacidade de trabalhar de forma eficaz com os outros, independentemente das diferenças de formação, perspectiva ou interesses.

Inteligência artificial -

Universidades e grandes empresas digitais são responsáveis pela grande maioria dos desenvolvimentos em inteligência artificial, surgindo sob o modelo "spin off" de laboratório. As maiores tendências são no tratamento de imagens, vídeos e áudios surgindo como as áreas mais relevantes no setor da formação.

Aprendizagem multidisciplinar ativa -

Fornecer instrução em um ambiente de aprendizagem e medir os resultados de programas educacionais que são projetados para reforçar sistematicamente habilidades transferíveis. Através desse processo, os alunos adquirem conhecimento prático que os prepara para ter sucesso em qualquer carreira e para se adaptar de forma flexível em um mundo em constante mudança.

Mais diversidade -

A digitalização possibilitará a democratização do acesso ao aprendizado. Isso dará origem a uma maior diversidade de alunos e usuários. Microcredenciais compartilhadas, no estilo de registros compartilhados, facilitarão o aprendizado ao longo da vida e vão estimular o acesso ao ensino universitário para pessoas de todas as idades. As IES serão mais flexíveis e conectadas e vão começar a oferecer trilhas de formação para os estudantes.

Retornos na educação -

Os gestores das IES vão buscar mais retorno sobre o aprendizado para verificar se os resultados foram alcançados, sobre o investimento para verificar se o custo para adquirir o aprendizado é adequado às suas capacidades e expectativas financeiras. Sobre o engajamento do aluno na instituição para verificar suas experiências e níveis de confiança e adesão ao projeto institucional.

GUSTAVO HOFFMANN

Diretor do Grupo A Educação, é responsável por projetos de consultoria no Brasil e na América Latina. Integra, como consultor externo, o Conselho de Administração do Consórcio STHM Brasil.



Foco na colaboração: Expansão considerável de cursos de Medicina: Estima-se que existam mais de 200 processos judicializados de autorização de cursos de Medicina tramitando no MEC.

Abertura de cursos de Direito EAD: Embora os processos de autorização de cursos de Direito EAD estejam sobrestados, é provável que as portarias de autorização sejam publicadas em 2023, apesar da resistência da OAB.

Sustentabilidade financeira: Usar tecnologia educacional, inovar o modelo acadêmico e aumentar a eficiência operacional sem agredir qualidade será mandatório. Modelos híbridos, não necessariamente focados na redução de custos, certamente farão parte da solução.

A curricularização da extensão: Que deveria ser uma potente ferramenta para reduzir o abismo que hoje existe entre a academia e o setor produtivo, se tornará um grande problema de execução. Boa parte das IES terá dificuldade de escalar a extensão para 10% do currículo.

Fechamento ou aquisição de IES pequenas por grupos educacionais -
Aumentando a concentração de mercado. Por outro lado, instituições não educacionais se credenciando para a oferta de ensino superior (graduação e pós-graduação) em áreas específicas.

JANES FIDELIS TOMELIM

Vice-presidente Acadêmico da Vitru Education, Reitor Uniasselvi e Diretor de Ética e Qualidade da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED).



Ensino Superior em Desafio - Com novas tecnologias e ofertas de cursos profissionalizantes atualizados com o mercado o Ensino Superior será desafiado a repensar currículo, experiência e modelagens formativas.

Metodologias Imersivas - Cresce a necessidade de imersão para o processo educativo e a associação entre universidades e empresas ganham maior espaço e evidência.

Modelagens de Ensino - Muitos ainda insistirão no caminho da hibridização, mas estarão na vanguarda os que saírem das visões binárias e de simples composição das realidades de presencialidade e a distância.

Formação de Competências - Muitos ainda estarão discutindo competências socioemocionais, mas estarão na vanguarda os que aprofundarem a visão sistêmica de formação integral das competências necessárias para egressos.

Formação de Professores - Se as instituições quiserem sobreviver, precisam investir em formação docente, que revolucione a mentalidade, identidade e paradigma sobre o que é ser professor.

JOÃO OTAVIO BASTOS JUNQUEIRA

Diretor de Redes e Parcerias da UNIFEQB - Centro Universitário da Fundação de Ensino Octávio Bastos, Membro do Conselho de Administração do Consórcio STHM Brasil, Diretor de Relações Institucionais do Semesp e Membro da Diretoria da ABRUC - Associação Brasileira das Instituições Comunitárias de Educação Superior.



Tendências “estáveis”-

se as causas que geraram as tendências atuais continuam a existir, as tendências, continuarão existindo, assim, o avanço da tecnologia, expansão do EAD, virtualização e a gamificação do ensino, seguirão fortes.

Concentração do setor -

Seguirá seu curso, pois continua desafiador para as IES de pequeno e médio porte permanecerem relevantes e competitivas neste cenário de baixa demanda, queda de ticket e perda de relevância do ensino formal para algumas profissões.

Verticalização e Long Life Learning -

O custo de aquisição do cliente – CAC está cada vez maior e faz muito mais sentido vender para quem já é seu cliente. Para tanto as IES deverão deixar de oferecer predominantemente uma graduação para ir além e transformarem-se numa verdadeira plataforma de atualização profissional, formal ou não. Talvez, para as pequenas e médias instituições, possa fazer sentido reduzir seus portfólios e focar em algum nicho.

Dados - As IES deverão dar muita atenção à captura de dados de seus stakeholders, concorrentes etc. Criar fontes de captura de dados primários, de tal forma que o empirismo seja aposentado. O estudante deve se sentir único em meio a multidão, e fundamental para isso quase todas as IES possuem, faltam dados, informações e aplicações.

Redes e ecossistemas -

A sinergia potencial entre as IES parece tão óbvia que custa entender por que as redes colaborativas não possuem, ainda, a dimensão que seria esperada. Há fatores culturais que jogam contra, mas creio que a necessidade vai se impor e essas redes e ecossistemas irão se fortalecer.

JOÃO VIANNEY

Sócio e consultor da Hoper Educação. Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordenou o LED-UFSC, a Unisul Virtual, e criou o Blog do Enem.



EaD completa o Penta na taça de calouros

- Em 2023 o indicador de novos alunos na EaD pode bater o presencial no quinto ano consecutivo. É Penta. A nova série começou em 2019, quando a EaD conquistou 51,6% dos calouros. Alcançou 72,8% em 2021, e pode bater os 80% dos novos alunos em 2023.

O fim do “Estoque do Carbonari” -

Entre 2000 e 2020 o professor Antônio Carbonari mostrava que o país tinha milhões de adultos com Ensino Médio concluído, sem ter feito faculdade. Porém, a EaD rapidamente atendeu esse público. Em 2023 a idade preponderante do calouro no Ensino Presencial será de 19 anos, e na EaD, de 20 anos. Fim do estoque.

Encolhimento do campus presencial -

O domínio da EaD provoca ociosidade nos blocos de salas de aula antes destinados ao ensino noturno, será de 70% a 80%. A saída mais inteligente é transformar os antigos blocos em prédios de apartamentos de um ou dois quartos, para dar vida e utilidade integrada ao campus.

Dona Armênia tinha razão: os preços vão parar “na chon” -

Se as IES não criarem uma solução para interromper a guerra de preços nas mensalidades, a maioria delas vai ficar tão barata, mas tão barata em 2023, que podem perder a percepção de valor perante a sociedade. Vão os preços e as marcas parar “na chon”, como dizia a personagem Dona Armênia, na novela Rainha da Sucata (Rede Globo, 1990).

Inteligência Artificial será a Terceirização da Tutoria -

Quando o INEP retirou o cálculo de alunos por professor ou tutor dos Instrumentos de Avaliação, a boiada passou. Se o maior custo é o da Folha Docente, a guerra de preços empurrou o múltiplo de alunos pra cima. Como a guerra continua, a saída que resta em 2023 é dar respostas e fazer orientação aos alunos por Inteligência Artificial.

JOAQUIM GUERRA

Vice-reitor Acadêmico e de Inovação Educacional do Instituto Tecnológico de Monterrey, do México.



Aprendizagem personalizada -

Garantir meios que permitam focar em estratégias de ensino para gerar valor em cada um dos alunos, considerando suas diferenças de perfil, necessidades de aprendizagem, acesso, estilos de aprendizagem e abordagem de aplicação.

Aprendizagem ligada, experiencial e situada -

Oferecer estratégias práticas de ensino que permitam ao aluno se conectar mais com o mundo, não apenas ao mundo do trabalho, mas também em um contexto que o torne consciente da realidade e das necessidades do ambiente.

Aprendizagem digital -

Garantir a prática docente pautada no uso de tecnologias que agreguem valor ao aprendizado e aproximem o aluno do desenvolvimento de competências que serão exigidas em um ambiente cada vez mais digital. Este tópico abordará tendências em tecnologias educacionais como big data e analytics, holografia, robótica, inteligência artificial e realidades estendidas, entre muitas outras.

Inteligência artificial -

Este ano a expansão dessa megatendência continuará com o objetivo de apoiar e aprimorar o processo de ensino-aprendizagem; de aplicativos que dão suporte à avaliação e feedback imediato, à proliferação de chatbots cognitivos disciplinares, que auxiliam os alunos na compreensão de tópicos e no desenvolvimento de habilidades.

Análise de aprendizagem -

Será de vital importância para as Universidades garantir a governança adequada dos dados que são produzidos durante o processo de aprendizagem do aluno, de forma a que estes dados possam ser convertidos em informação que permita a personalização da experiência do aluno por meio da geração de percursos de aprendizagem que possam auxiliar o seu sucesso acadêmico.

JÓSE ROBERTO COVAC

Diretor Jurídico do Semesp e consultor da ABMES e Fórum da Entidades Representativas do Ensino Superior.



As políticas de meio- ambiente, responsabilidade social e governança -

Serão reforçadas, sobretudo com o recém criado Ministério do Meio Ambiente e Alterações Climáticas. Nesse sentido, haverá impactos nas Instituições de Ensino Superior, inclusive nos processos autorizativos, considerando sobretudo os critérios nos processos de credenciamento e credenciamento de IES.

Políticas Públicas de Inclusão -

O Programa Universidade para Todos criado no primeiro mandato do Governo Lula e o Financiamento Estudantil que teve forte estímulo nos Governos do PT, tende a sofrer um processo de aprimoramento visando incluir mais alunos no ensino superior.

Sistema Nacional de Educação - O PLP nº 235, de 2019, aprovado no Senado e que dispõe sobre o Sistema Nacional de Educação – SNE, tende a sofrer inúmeras modificações, podendo inclusive ser apresentado um novo substitutivo pelo atual governo, considerando as modificações que foram propostas em relação a diminuição de competência do Ministério da Educação e Conselho Nacional de Educação.

Plano Nacional de Educação - O Plano Nacional de Educação – PNE, instituído pela Lei nº 13.003 de 2014 e que se encerra em 2024, deverá sofrer profundas alterações, sobretudo em relação à necessidade de processos de recuperação de aprendizagem dos alunos de escolas públicas em função da pós pandemia e intensificação de tecnologia do meio de interação de aluno e professor.

Regulação e avaliação - Decretos que regulamentam a LDB e Lei do Sinaes sofrerão alterações em função de políticas públicas do atual governo, bem como pelo fato de mudanças, sobretudo na regulação, terem sofrido alterações somente em 2017, com a edição do Decreto nº 9057, de 2015 e do Decreto nº 9.235 de 2017 e Portarias que regulamentaram. Justifica-se também pela adequação da legislação em função da expansão do EAD e a necessidade de deixar de ser tratada como modalidade.

Lúcia Teixeira

Presidente do Semesp e Presidente da Universidade Santa Cecília (Unisantia).



A colaboração -
É um caminho para que as instituições de ensino superior possam criar oportunidades de sinergias e aprendizado institucional. Hubs de colaboração ampliam a interação e da integração das IES com a sociedade, nacional e internacional.

A personalização do ensino - Foca nas características individuais dos estudantes e reforça a importância da aprendizagem. O uso da tecnologia facilita a personalização e flexibiliza a formação dos estudantes.

O ensino híbrido -
Proporcionou experiências exitosas durante a pandemia, a partir do uso de tecnologias digitais, e poderá ser cada vez mais adotado pelas instituições, enfatizando a qualidade.

A multiversidade -
Supõe uma estrutura acadêmica que deverá oferecer diferentes trilhas de aprendizagem, abrangendo conhecimento multidisciplinar, formação de networks profissionais e sociais e a relação precoce com os futuros empregadores.

A educação socioemocional - Será fundamental, diante dos desafios e complexidades dos novos tempos para transformar a cultura da IES de forma a somar com as relações familiares e outros contextos sociais. O currículo cada vez mais voltado para a formação integral.

MARCELO KNOBEL

Ex-reitor da Unicamp de 2017 a 2021. É professor do Instituto de Física Gleb Wataghin desde 1995.



Uma das principais tendências para a educação superior no Brasil será a ampliação ainda maior do uso de tecnologias de ensino remoto -

Como plataformas on-line e ferramentas de videoconferência. Além da continuidade da expansão de matrículas em cursos majoritariamente on-line, é muito possível que haja um aumento no número de universidades e instituições de ensino superior adotando modelos de ensino híbridos, que combinam aulas presenciais e à distância.

A diversificação do sistema - É também uma tendência, com algumas iniciativas de formação ao longo da vida, nanocréditos, e formações mais especializadas, como por exemplo “administração com foco em empreendedorismo”, “ciência de dados para a saúde”, entre outros.

É a crescente demanda por programas de formação - Em nível de especialização e pós-graduação, especialmente em áreas como tecnologia da informação, ciências da saúde, direito e negócios. Isso é motivado pelo aumento da necessidade de profissionais altamente qualificados e pela busca por uma vantagem competitiva no mercado de trabalho.

A crise econômica que o Brasil vem enfrentando pode levar a um aumento na busca por bolsas de estudo e financiamento - Para o ensino superior. Isso pode incluir programas governamentais, como o FIES, bem como iniciativas das próprias instituições de ensino superior.

É provável e saudável que ocorra uma maior atenção a questões de inclusão e diversidade - No ensino superior, como a promoção de acesso a estudantes de grupos sub-representados e a inclusão de perspectivas diversas nas aulas e programas de estudo.

MARINA FEFERBAUM

Coordenadora do Centro de Ensino e Pesquisa em Inovação,
Coordenadora da Área de Metodologia de Ensino e docente
da Escola de Direito de São Paulo da FGV.



Bem-estar e inclusão - As IES precisam dar atenção ao sofrimento psíquico dos estudantes, e pensar em estratégias para trazer o bem estar nas aulas e no ambiente universitário como um todo. Devem estar atentas à inclusão de diferentes perspectivas desde a construção do programa de curso e das aulas, bem como práticas cotidianas da universidade.

Internacional e local - As IES devem ter a agenda global e o olhar atento as demandas mundiais, mas também valorizar a comunidade ao seu entorno de modo a fazer com que a universidade se preste a melhoria e transformação da comunidade na qual se insere.

Hibridismo e aprendizagem multicanais - Possibilidades de desenhos de cursos que componham ensino a distância, hibridismo e presencialidade a partir das necessidades de cada etapa de formação, propósitos individuais e dos objetivos de aprendizagem de cada curso e contexto.

Protagonismo estudantil e formação integral - Sem dúvida a busca pela autonomia e protagonismo estudantil são fundamentais para a formação do sujeito a partir de sua relação consigo mesmo, com os outros e com o meio. Um processo formativo que busca o desenvolvimento humano das "hards" e das "softs" skills.

Sustentabilidade financeira sem precarização - As IES precisarão fazer grandes esforços para buscar a sustentabilidade financeira sem a precarização dos salários etc., com olhar atento para construção de políticas de permanência e inclusão a partir dos desafios sociais e econômicos do nosso país.

MAURÍCIO GARCIA

Cientista digital, pesquisa tecnologias ligadas à inteligência artificial e análise de dados, auxiliando instituições, empresas e organizações a inovar e se transformar digitalmente. Conselheiro Acadêmico do Inteli.



Retração dos cursos presenciais - A queda nas matrículas nos cursos presenciais deverá continuar em 2023, causada principalmente pela redução das matrículas no ensino médio por conta do envelhecimento da população.

Expansão dos cursos a distância - A EAD continuará a ser uma alternativa para alunos de baixa renda, em função do limitado acesso a financiamento público (FIES e PROUNI), os quais terão pouco espaço para expansão no apertado orçamento do novo governo.

Lenta adoção de metodologias ativas - As IES continuarão a tentar implementar metodologias ativas de aprendizagem, mas deve persistir a dificuldade em escalar a sua adoção, por resistência, desconhecimento, desânimo ou falta de tempo.

Baixo impacto do Metaverso e X-Reality - Experiências imersivas 3D terão pouco impacto na educação em 2023 pois, além de caras e de complexo desenvolvimento, necessitam de uma arquitetura pedagógica prévia para determinar sua aplicação e forma de utilização.

Aumento na adoção de tecnologias de análise de dados: Deverá ganhar tração a infraestrutura para a geração de relatórios e painéis de indicadores de performance acadêmica, incluindo conceitos como “data lake”, “data warehouse” e “data mart”.

Rodrigo Capelato

Diretor Executivo e de Assuntos Econômicos do Semesp.



Uso da tecnologia -

Deve continuar a intensificação do uso da tecnologia na educação superior, com a ampliação das experiências dos estudantes e a possibilidade de personalização do ensino para melhor se adequar às características de cada indivíduo.

Integração e redes -

A necessidade de maior cooperação entre todos os agentes do sistema educacional deverá se intensificar. Isso provocará um crescimento exponencial nas possibilidades de oferta de ensino, de pesquisa e na busca de soluções para um mundo mais sustentável e menos desigual.

Foco na educação

básica - A realidade da educação básica brasileira torna imperioso a prioridade do novo governo brasileiro na sua recuperação e na sua valorização. O Brasil não tem outra alternativa. O desenvolvimento social e econômico do Brasil passa obrigatoriamente pelo investimento prioritário na educação básica.

Recuperação das universidades públicas -

As universidades públicas brasileiras sofreram constantes ataques e foram muito enfraquecidas nos últimos anos. Isso enfraqueceu o sistema de educação superior brasileiro, que também depende da existência dessas universidades. O sistema de educação superior de sucesso é composto por instituições fortes e plurais, com características e propósitos diferentes.

Programas de acesso e avaliação -

Num país com profundas desigualdades sociais como o Brasil, o desenvolvimento da educação superior passa obrigatoriamente pela retomada dos programas de acesso ao ensino superior pelos estudantes carentes. A ampliação do sistema de cotas nas IES públicas parece ser o caminho mais rápido. A recuperação dos programas de FIES e ProUni também devem receber maior atenção, apesar das dificuldades fiscais enfrentadas pelo país. No entanto, será necessária uma reformulação do modelo de avaliação do ensino superior para que volte a ser um instrumento de apoio efetivo na formulação de políticas públicas e de informação para a sociedade.

Wagner Sanches

Pró-reitor Acadêmico da FIAP - Faculdade de Informática e Administração Paulista e Diretor dos colégios do grupo.



IES Corporativas -
Acredito que mais iniciativas de IES corporativas devem surgir, são modelos de negócios baseados não somente no recebimento de mensalidades, como por exemplo: Inteli, XP Educação, Faculdade Einstein e outras. Os modelos de IES estão sendo reinventados, onde o principal objetivo da instituição não é arrecadar mensalidade e lucrar simplesmente, e sim, entregar mão de obra qualificada a empresa mantenedora e impactar positivamente a sociedade.

Hibridismo - Mais iniciativas que favoreçam o ensino híbrido dentro da formação superior, mas ressaltando que privilegiem o aprendizado do aluno. Ou seja, que a escolha do modelo, remoto on-line, assíncrono e presencial, seja em função do conteúdo a ser transmitido para o aluno, sempre impulsionando o aprendizado.

Jornada acadêmica flexível e adaptável -
Com um hibridismo de qualidade, as IES podem oferecer jornadas de formação com mais flexibilidade de horários e dias da semana, além de proporcionar ao aluno a opção de escolha de conteúdos a serem consumidos dependendo dos objetivos de cada estudante a longo e curto prazo.

O fim do professor detentor absoluto do conhecimento -
O papel do professor deve mudar drasticamente, sendo ele o facilitador, o inspirador, enfim aquele grande mentor do aluno ao longo de sua formação. Aluno, professor, coordenador e diretor devem formar um só time e não um contra o outro em disputas que não proporcionam o aprendizado prazeroso e eficiente.

Aluno no centro das decisões estratégicas das IES - As decisões estratégicas das IES devem ter o bem estar do aluno como norte. A felicidade do aluno, será a felicidade do professor, do coordenador, do diretor e consequentemente da IES.